

issn: 2176-5960



**Προμηθεύς**  
**journal of philosophy**



n. 42 maio - agosto de 2023

## **MORRER DE FIM DO MUNDO**

**Carla Rodrigues**

**PPGF-UFRJ/UFF/CNPq/FAPERJ**

A morte do professor Mário Augusto Carvalho não foi uma tragédia, no sentido vulgar do termo. Nem no sentido filosófico. A morte de Mário foi consequência cruel de políticas deliberadas de criação de “zonas de exceção”, repetindo aqui a expressão do filósofo Achille Mbembe (2018) para regiões dedicadas a acomodar contingentes de população geridos como população excedente. São áreas de degradação – ambiental, econômica, social – em que as vidas das pessoas valem menos ou quase nada. O Brasil ostenta uma longa história de gestão de excedentes. Inundações e secas, condições climáticas extremas, fazem parte da nossa história muito antes de os pesquisadores anunciarem que não há mais ponto de retorno para o desastre ambiental. O fim do mundo, essa imagem que nos persegue como um fantasma pelo menos desde a explosão da bomba de Hiroshima e do início da corrida nuclear, já não é mais um horizonte. É uma realidade que faz vítimas todos os dias.

Mortes evitáveis constituem um desafio a mais no trabalho de luto. Se, como argumenta Freud (2011), a primeira etapa do luto é passar pela “prova de realidade” e aceitar o real da perda, em mortes como a de Mário – um jovem talentoso, recém-concursado como professor de Filosofia Medieval no Departamento de Filosofia da UFRJ, universidade onde estava desde o início da sua formação – esse passo inicial do percurso parece impossível. O recurso ao lugar-comum de compreender a morte como “tragédia”, por ocultar a violência, tenta tornar mais fácil aceitar o inaceitável.

Tenho dedicado minhas pesquisas ao tema do luto, a partir da leitura da filósofa Judith Butler. No meu argumento (RODRIGUES, 2021), o luto vai ganhando

centralidade na obra de Butler e torna-se chave de compreensão para sua filosofia ético-política, o hífen indicando a interdependência entre os dois termos. O luto passa a ser pensado em pelo menos quatro dimensões: a) no seu aspecto individual, como elaboração de uma perda, seguindo Freud muito de perto; b) como um direito coletivo pelo qual se luta e, nesse sentido, elemento de agência política, tomando o conceito foucaultiano como referência; c) como uma política de reconhecimento que envolve também uma política de Estado, tendo a concepção de eticidade em Hegel como pano de fundo; d) como uma condição diferencial entre vidas enlutáveis e vidas não enlutáveis, com Butler valendo-se, aqui, da noção de necropolítica em Mbembe e de um desdobramento da sua própria elaboração a respeito das linhas de corte entre vidas vivíveis e vidas matáveis.

Butler faz, assim, um deslizamento do luto como categoria psicanalítica para formulações políticas. Acompanho seu pensamento nesta homenagem ao Mário por pelo menos dois motivos fortes, relacionados às quatro dimensões mencionadas acima. O primeiro, considerar que essa escrita constitui uma elaboração do trauma da perda. Às vezes, quando uma atividade profissional exige, somos obrigados a mencionar a morte do Mário numa reunião de departamento e ficamos mais uma vez diante da “prova de realidade” mencionada por Freud. Ainda é difícil acreditar que ele foi levado por uma enxurrada numa enchente em Petrópolis, onde morava. Na ocasião, fizemos o que foi possível: acompanhar os rituais fúnebres, manifestar solidariedade à família, homenagear o colega de departamento a partir da universidade. Foram movimentos que contemplam outras duas dimensões do luto, torná-lo público e político.

Com este texto, portanto, pretendo reivindicar a condição de enlutável não só do nosso colega Mário Carvalho, mas também das 235 pessoas que, como ele, morreram em duas grandes tempestades em Petrópolis entre fevereiro e março de 2022 e cujos nomes, histórias de vida e trajetórias não pudemos conhecer ou enlutar. A afirmação tem como objetivo recusar a naturalização das vidas perdidas por “tragédias ambientais”, formas de desigualdade socioeconômica mal disfarçadas de catástrofes naturais.

[...] celebração e rememoração são tentativas concretas não de abolir a morte pessoal, inevitável, mas de transformá-la no objeto de um lembrar permanente, constante. Em suma, de opor à inevitabilidade da morte singular a tenacidade da memória humana, imagem utópica de uma imortalidade coletiva (GAGNEBIN, 2014, p. 15).

Lembrar Mário Carvalho é inscrevê-lo na memória humana a que se refere Gagnebin, para além da nossa memória pessoal e individual de professores na mesma universidade. Lembrar Mário, porém, também é nos levar a refletir sobre essa imagem utópica de uma imortalidade coletiva, hoje e cada vez mais ameaçada pelo fim do mundo que habitamos. Formas de solidariedade são também modos de produzir condições de habitar o mundo (BUTLER, 2022), um mundo cujo fim próximo podemos antever na perda cotidiana e desigual das condições materiais dessa habitação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. *Que mundo é esse? Uma fenomenologia pandêmica*. Trad. Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino, coordenação Carla Rodrigues, Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FREUD, S. *Luto e melancolia* [1917]. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GAGNEBIN, J. M. *Limiar, aura e rememoração. Ensaio sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. 1ª. edição. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RODRIGUES, C. *O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.